

SIMPÓSIO AT195

A LEITURA EM TODAS AS ÁREAS DE CONHECIMENTO: DESAFIO NA CONTEMPORANEIDADE

BORMANN, Maria Aliete Cavalcante
Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP)
alietecb@yahoo.com

CASADO ALVES, Maria da Penha
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
penhalves@msn.com

Resumo

Este artigo é parte de um estudo de pós-doutorado que trata a leitura compreensiva, enquanto competência básica que deve ser desenvolvida por professores de todas as áreas de conhecimento, não apenas por professor de língua portuguesa. Nesse sentido, o objetivo do estudo é constituir um espaço para que os professores-alunos de uma instituição de ensino superior contribuam na competência leitora de seus alunos para que aprendam a ler e compreender diferentes textos que circulam no cotidiano. Acreditamos que ler é fundamental para se aprender qualquer componente curricular, portanto, deve ser responsabilidade e um grande desafio da escola na *contemporaneidade*, pois esta precisa contribuir para o avanço na construção do conhecimento e, assim, ensinar aos sujeitos a ler para aprender, construindo sentido para os diferentes textos. A metodologia articula-se em dois aspectos específicos, mas conceitualmente e empiricamente ligados. No primeiro aspecto, propomos que ler é essencial para o ensino-aprendizagem em todas as áreas de conhecimento como uma proposta inclusiva e participativa, no segundo realizamos um levantamento de experiências em que a leitura assume um papel de destaque. As áreas de conhecimento que apareceram à leitura com maior frequência foram as Ciências, Educação Física, História, Matemática e Geografia. Os resultados sugerem que a escola pense em projetos coletivos para desenvolver a leitura e propiciar condições para ensinar e motivar a construção de estratégias exequíveis no que concerne à leitura. O trabalho se sustenta em Volóchinov (2017), Bakhtin (1997, 2016), Casado Alves (2009, 2011), Leffa (1996, 212), Geraldi (1991) e alguns documentos oficiais.

Palavras-chave: Leitura; Professores; Educação Básica.

Abstract

This article is part of a post-doctoral study that deals with comprehension reading as a basic competence that must be developed by teachers of all areas of knowledge, not only a Portuguese language teacher. In this sense, the objective of the study is to open space for the teachers-students of higher education institution to contribute in the reading competence of their students so that they learn to read and understand different texts that circulate in daily life and have a purpose. We believe reading is fundamental to learn any curricular component, therefore it must be responsibility and one of the great challenges of the contemporary schools in the world, once it

must contribute to progress in the construction of knowledge and, thus, to teach the subjects to read to learn, constructing different texts. The methodology is articulated in two specific aspects, but conceptually and empirically linked. First, we propose that reading is essential for teaching-learning in all areas of knowledge as an inclusive and participative proposal. Following, we carry out a survey of experiences in which reading plays a prominent role. The areas of knowledge that came to the reading in the survey most frequently were Sciences, Physical Education, History, Mathematics and Geography. The results suggest that school think of collective projects to develop reading and provide conditions to teach and motivate the construction of feasible strategies. The work is based on Volóchinov (2017), Bakhtin (1997, 2016), Casado Alves (2009, 2011) Leffa (1996, 212), Geraldi (1991) and some official documents.

Keywords: Reading; Teachers; Basic Education.

Introdução

O estágio pós-doutoral centrou-se numa reflexão sobre a leitura em todas as áreas de conhecimento como estratégia para ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o estudo se constituiu como espaço para que os professores-alunos, dos cursos de Pedagogia, Letras e Especialização em Ensino de Língua Portuguesa do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), compreendessem a importância da competência leitora para seus alunos aprenderem a ler e compreenderem textos dos livros didáticos de diferentes áreas de conhecimento, assim como as implicações na construção de sentidos. Entendemos que aprender qualquer disciplina, implica o desenvolvimento das habilidades de ler e escrever deixando essas de serem apenas responsabilidade dos professores de Língua Portuguesa.

Avaliações da Educação Básica, realizadas nos últimos anos, com relação à proficiência em leitura e em escrita, revelam, ainda, que a média do Brasil se encontra abaixo do mínimo satisfatório, contribuindo para a produção de crianças e jovens com sérias deficiências em relação à leitura e à escrita o que contribui para aumentar o índice de analfabetos funcionais.

Ao refletirmos sobre tal situação, fica evidente o agravamento da proficiência de leitura e escrita. Diante disto vem o questionamento: Que situações contribuem para que não ocorra aprendizagem da leitura e da escrita? Será que há entendimento da escola de como a leitura é pensada tanto pelo SAEB quanto pelo Pisa?

Geraldi (2015) reconhece que a leitura está em todos os componentes curriculares, não é apenas responsabilidade do professor de Língua Portuguesa, ou seja:

Se um estudante não consegue resolver um problema matemático por não conseguir ler o problema, isso deve ser enfrentado pelo professor de matemática e não pelo professor de língua portuguesa! Cabe sim ao professor de Língua Portuguesa, trabalhando com os gêneros e temas que lhes são próprios, desenvolver com os estudantes os inúmeros gêneros que a prática de estudar e aprender foram criando: relatórios, sinopses, resumos, anotações, mapeamento de teses e argumentos etc. (GERALDI, 2015, p. 9)

Essa afirmação deixa claro que o trabalho com a leitura e escrita é de todas as áreas de conhecimentos. Cada componente curricular tem linguagem específica, seus códigos e sua forma de compreender a realidade. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017):

As práticas de compreensão e de produção de texto são constitutivas da experiência de aprender e, portanto, presentes em todas as áreas. Por isso, cabe à área de Linguagens assegurar o direito à formação de sujeitos leitores e produtores de textos que transitem com confiança pelas formas de registro dos diversos componentes curriculares, salvaguardando suas singularidades, e pelas práticas de linguagem que se dão no espaço escolar, tais como: participar em um debate sobre transgênicos, opinar criticamente sobre um documentário ou uma pintura, interagir com hipertextos da Web, buscar soluções para um problema ambiental no seu entorno, dentre outras e inúmeras possibilidades. (BRASIL, 2017, p. 30).

Sendo assim, qualquer área de conhecimento tem uma linguagem própria para compreender, interpretar, produzir conhecimento e escrever.

O documento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE, 2016) chama atenção de que, tradicionalmente, a escola brasileira desenvolve o trabalho de leitura com foco em um único texto. Esta escolha, possivelmente prejudica o desempenho dos alunos ao lidar com os

textos múltiplos e combinados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), pois não estão familiarizados com essa combinação:

Nesse sentido, é fundamental o trabalho de todos os professores para que os alunos se tornem, de fato, leitores proficientes. Só o trabalho com a leitura desenvolvido em todas as áreas do conhecimento poderá garantir o acesso deles a grande variedade de gêneros de textos, construídos por diferentes códigos (o verbal e tantos outros não verbais) e por distintos usos da própria língua. Não se lê um enunciado de problema matemático como se lê um poema, um relato histórico ou as instruções para um experimento químico. Mesmo os textos didáticos, em que se apresentam os conteúdos de diversas disciplinas, trazem especificidades e precisam da mediação do professor da área, um leitor mais experiente, para orientar o trabalho de leitura dos estudantes. (OCDE, 2016, p.124)

Na verdade, independente das aspirações acadêmicas ou profissionais dos nossos alunos, a leitura e a escrita são fundamentais para uma participação ativa na sociedade e na vida cotidiana, que tem demandado letramentos diversos e críticos para atuar no mundo da vida. Tal fato nos leva a refletir que em uma sociedade cuja vida dos indivíduos é norteadada pela lógica do trabalho, a escola acaba assumindo um valor considerável na socialização dos sujeitos que nela circulam.

Segundo o Censo (2018), temos 12 milhões de analfabetos; 6,8 milhões de crianças até 3 anos de idade fora da escola; cerca de 2 milhões de crianças e jovens fora da escola cuja idade vai de 4 a 17 anos; 6,8 milhões de crianças fora das creches e, mais da metade dos adultos entre 25 e 64 anos não concluíram o Ensino Médio. Os dados revelam sobre a responsabilidade de ler e escrever na *contemporaneidade*, uma das exigências para a formação do sujeito em todas as fases da vida. Portanto, um dos grandes desafios da escola brasileira da contemporaneidade, é ensinar os sujeitos a ler para aprender, atribuindo sentido, o que implica:

Responder eticamente às atuais questões colocadas sobre as dificuldades generalizadas com a leitura e com a escrita por parte dos alunos, em qualquer nível de ensino, nos implica com um ensino responsivo à vida e aos sujeitos; um ensino de

língua materna que não se apresente como enfoque de uma língua apresentada em recorte, em fragmento a ser classificado, rotulado à exaustão, mas um ensino de uma língua na qual esse sujeito se reconheça e reconheça cronotopicamente a voz do (s) outro(s). (ALVES, 2012, p. 320).

Sendo assim, a leitura e a escrita são atos que exigem processos organizados metodologicamente, além de um ensino responsivo que dependem de um ensino da língua materna, não fragmentado, mas que possibilite autonomia intelectual, pois a leitura é uma ferramenta insubstituível e essencial na vida dos sujeitos dando-lhes oportunidades de alcançarem um conjunto de experiências e conhecimentos, além de cidadania.

1 A leitura compreensiva e os teóricos

Bahktin (1997) e Volóchinov (2017) apresentam princípios indispensáveis aos estudos sobre leitura, principalmente no que se refere à compreensão. Para tanto, é necessário refletirmos a leitura como uma ação interativa e pensar a linguagem e o seu caráter dialógico. Para Volóchinov (2017), a compreensão é um processo que envolve o sujeito e as experiências sócio históricas e culturais que o constitui. A prática de leitura como um processo compreensivo, nos faz refletir sobre a compreensão como responsiva e ativa, enunciação e dialogismo, visto que ela está para enunciação tal qual uma réplica está para a outra no diálogo, assim:

Compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas. Quanto maior for o seu número, quanto mais essenciais elas forem, tanto mais profunda e essencial será a compreensão (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232).

Isso significa que a leitura de qualquer enunciado deve proporcionar uma compreensão responsiva ativa que corresponda à fase inicial e preparatória para uma resposta. Ao deparar-se com um texto, o leitor deve torna-se um sujeito falante, capaz de responder, uma vez que a compreensão de um enunciado exige responsividade, ou seja:

Na compreensão efetiva, real e concreta, esses atos se fundem indissolivelmente num único e mesmo processo de

compreensão; no entanto, cada ato distinto tem uma autonomia ideal de sentido (conteúdo) e pode ser isolado no ato empírico concreto. (BAKHTIN, 1997, p. 401)

O ato de compreender implica tanto reconhecimento do signo como também a sua inserção em contexto e, mais ainda, a relação dialógica, o valorativo que lança o sujeito para uma resposta única e singular. Dessa forma, a leitura pode ser compreendida como processo dialógico que pressupõe o diálogo entre leitor/autor, além de esse sujeito leitor ser ativo, respondente, que constrói sua compreensão na relação com o texto e com outros textos, uma vez que:

No texto, os sentidos não apenas deslizam, mas são construídos e compreendidos responsivamente por sujeitos posicionados de um lugar que relativiza olhares, visões, compreensões e respostas. Leitura responsiva. Compreensão ativa. Sujeito autor. Sujeito em construção. Sujeito que precisa lidar cotidianamente com a dinamicidade da linguagem que termina sendo a dele mesmo (CASADO ALVES, 2011).

Ao considerar essa reflexão, podemos acrescentar que a compreensão responsiva remete à noção de que “toda compreensão é prenhe de respostas e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor” (BAKHTIN, 1997, p.290).

Para Leffa (2012), uma das características essenciais do processo da leitura é a capacidade que o leitor possui de avaliar a qualidade da própria compreensão. Com esse entendimento, o desenvolvimento da compreensão leitora envolve estratégias que constroem o sentido e a compreensão leitora do texto, assim “Para compreender o ato da leitura temos que considerar então (a) o papel do leitor, (b) o papel do texto e (c) o processo de interação entre o leitor e o texto.” (LEFFA, 1996, p.16).

Solé (1998) ressalta que estratégia de leitura consiste em regular a atividade das pessoas, sendo imprescindível para a formação dos leitores autônomos, capazes de construir a sua compreensão e contribuir para beneficiá-los com recursos necessários para aprender a aprender. As estratégias não se desenvolvem espontaneamente, devem ser ensinadas.

2 O problema e procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada para desenvolver este trabalho é de caráter qualitativo, consistente com a própria natureza do objeto estudado. O estudo se articulou em dois pontos específicos, mas do ponto de vista conceitual e empírico estão ligados: no primeiro foco, propomos um esquema teórico que consideramos relevante para a leitura compreensiva como essencial para o ensino-aprendizagem em todas as áreas de conhecimento como uma proposta inclusiva e participativa. No segundo foco, verificamos que a leitura assume um papel de destaque e de estudo nos campos de conhecimento como: Ciências, Educação Física, História, Matemática e Geografia. Verificamos também que a leitura compreensiva apareceu em 19 artigos; 10 dissertações; 05 teses e 02 livros, além do Núcleo de Integração Universidade & Escola (NIUE) da UFRGS, criado em 1990.

3 Resultados

O resultado deste trabalho possibilitou a criação efetivação do grupo de pesquisa Linguagem, ensino e aprendizagem cuja linha é “A leitura compreensiva como estratégia de ensino-aprendizagem nas áreas de conhecimento”. O grupo é composto por nove professores de diferentes componentes curriculares como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, TIC e Pedagogia, o que dá ao grupo um caráter interdisciplinar, além de contar com alunos tanto da graduação quanto da especialização que são professores que atuam na rede estadual de ensino e no município. Participação em encontros, seminários e palestras para professores da rede estadual pública de ensino tanto estadual quanto municipal sobre a temática e a criação de um curso de extensão para atender uma escola localizada na zona norte da cidade de Natal.

Considerações

O percurso da pesquisa indicou que o entendimento da formação docente na área do ensino da leitura e escrita requer um estudo que envolva não apenas a problematização dos cursos frequentados por eles, mas uma reflexão fundamentada de suas práticas. Podemos destacar o que o trabalho superou a proposta do projeto, indo além do que foi proposto inicialmente.

Estamos convictas da possibilidade, do realizável, mas assegurar essa continuidade implica ações e decisões, que tratamos de fundamentar neste estudo, esperando contribuir com outros trabalhos. Durante este estágio pós-doutoral, foi possível observar que tanto as ações no IFESP quanto na escola de Ensino Fundamental, ainda necessitam de discussão sobre a leitura e a escrita como responsabilidade de todos.

Concluimos acentuando a necessidade de se problematizar mais sobre o ensino de leitura em todas as áreas de conhecimento a partir da realidade da escola básica e de um trabalho nas instituições superiores.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 279-326.

BRASIL. **Brasil no PISA 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros/OCDE-Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

CASADO ALVES, M. P. **A leitura na sala de aula de Língua Portuguesa e formação de leitores responsivos**. Disponível em: <http://eebaeducacao.blogspot.com.br/2011/10/maria-da-penhacasadoalves.html> Acesso 12/05/2019.

CASADO ALVES, M. P. **O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos**. *Signótica*, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2012.

LEFFA, Vilson J. Interpretar não é compreender: um estudo preliminar sobre a **interpretação** de texto. *In*. Leffa, Vilson J; Aracy Ernst. (Org.) **Linguagens: metodologia de ensino e pesquisa**. Pelotas/Educat, 2012, p. 253-269.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.

VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – São Paulo: Editora 34, 2017.